

Álvaro

Lia um livrinho com histórias sobre a História e meditava na sua própria condição de contador de histórias. «O rei Átalo legou Pérgamo a Roma. Cirene, no Egipto, também se tornou parte do Império Romano porque o seu rei, Ápion, entregou a cidade aos romanos. A Bitínia tornou-se parte do Império Romano por testamento.» Álvaro pensou na questão de tantas vezes, árduas conquistas terem sido entregues sem luta. Será assim a Humanidade? O Brasil tornou-se independente pela mão de um Pedro, príncipe português, que, a seguir, veio para Portugal e lutou até ser rei. Foi Pedro I do Brasil e Pedro IV de Portugal. Ainda hoje a polícia do Porto tem na farda um coração desenhado, símbolo do coração que esse Pedro doou ao Porto. Que queria ele? Terá sido melhor assim? Talvez. Não houve guerras. Antes de Roma existir, outras civilizações mandaram no planeta. A aceitação da submissão é um fenómeno individual e colectivo, pensou Álvaro. Admite-se a submissão por amor, porque o amor é capaz de tudo, reflectiu. Mas fora dessa esfera, muitos fingem que a submissão é o mesmo que a aliança, ou a amizade. Há povos que pagam para serem submissos! Há gente que faz algo parecido: prefere a submissão medrosa à responsabilidade. A liberdade é muito traiçoeira. Dá-nos a escolha e a escolha é a incerteza. Muitas vezes, a obediência é o caminho para a noite bem dormida à sombra da desculpa do cumprimento de ordens. Roma é hoje a capital de um país. A Roma actual parece-se com a antiga. Se um dia arderem as nossas bibliotecas, como ardeu a de Alexandria, já contávamos com isso. No campo pessoal passa-se algo semelhante. É raro encontrar quem tenha poder e discernimento para dividir os outros em três grupos elementares. (E lá vem a questão das “trindades” de novo, pensou Álvaro). Há zonas da cidade onde posso passear de noite, sem medos excessivos, disse Álvaro a um admirado grupo de jovens. Noutras zonas os violadores ou arrombadores, dão asas à sua liberdade. A liberdade é assim: é liberdade poder ir passear no jardim de madrugada, mas essa liberdade é a da ditadura, o regime dito sem liberdade! Era essa a liberdade de Salazar, é essa a liberdade de Cuba. Não há ironia nisso, é mesmo assim. No regime da liberdade, a “democracia”, vivemos em caixas gradeadas, os poderosos podem ter liberdade de não o fazer, os assaltantes também não, enfim, «é complicado»! “É preciso ter conquistado liberdade para dividirmos os outros nos tais três grupos elementares. Aqueles que queremos, os que queremos irritar e os que queremos evitar.” Álvaro calou-se, os jovens ouviram-no. Alguns pensariam no que dissera.

Carlos Mota